

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: *11*

Data: *29 de Outubro de 1971*

Pg.: _____

Meirelles: os índios não devem mais ser mendigos

ESP 24-10-71



Da Sucursal de Brasília

Meirelles, quase uma vida dedicada ao índio

Da Sucursal de Brasília

“Os índios devem sair da situação de mendigos para a auto-suficiência, tornando-se cidadãos brasileiros” — esta é a opinião do sertanista Francisco Meirelles que, refeito de um ataque cardíaco, prepara-se para deixar Brasília a fim de voltar à floresta amazônica, onde passou grande parte de seus 63 anos de idade trabalhando na pacificação de índios.

Chico Meirelles, como é carinhosamente tratado, pertence a uma família de militares, de Niterói e, só não pôde seguir a carreira, como desejava, porque fraturou a bacia num tombo de cavalo. Foi por intermédio do irmão, Cildo Meirelles, que já trabalhava com os índios desde 1928, que tomou contato com os silvícolas, acabando por se empolgar pelo assunto. “Todas as férias — conta Meirelles — eu ia para a Bahia, onde meu irmão cuidava da pacificação dos índios Pataxós, e acabei entendendo tanto do assunto que recebi um convite para participar da expedição que iria entrar em contato com os índios Urucumaquã, com o objetivo de localizar as minas de ouro de Urucumaquã. Nessa época — lembra — eu tinha saúde e estava com 31 anos de idade. Hoje, já tive várias malárias, mas venho resistindo a isso tudo, pois a vida no sertão obriga a gente a ser forte”.

Quando, durante a guerra, garantiu a penetração de centenas de seringueiros na Amazônia, Meirelles foi convidado a chefiar a expedição que manteria contato com os índios Xavantes, em 1945.

SELVAGENS

“Os Xavantes eram muito hostis ao branco pois já haviam sido agredidos por um grupo, anos antes. Um padre salesiano e o grupo do inspetor Pimentel Barbosa tentaram contato com eles antes de mim mas foram massacrados. O padre — conta o sertanista — foi muito ousado e se aproximou dos índios com um crucifixo na mão. Mas os índios não sabiam o que aquilo representava e pensaram que o padre estava fazendo alguma ameaça. Os integrantes da expedição do sacerdote que sobreviveram ao massacre contam que o religioso levantava o crucifixo e os índios mostravam as bordunas, e dentro desse “ritual” foram se aproximando até cercar o padre e massacrá-lo a golpes de borduna.

Meirelles relembra o longo trabalho de ano e meio de luta e medo para se aproximar dos Xavantes e que, numa das investidas, na margem do rio das Mortes, mandou que seus homens tocassem sanfona e gaita. Todos estavam amedrontados.

Certa vez apareceu no acampamento da expedição um feiticeiro Xavante, muito velhinho, que pediu comida e disse estar com dor de cabeça.

“Eu lhe dei meio comprimido dissolvido em água com açúcar e ele então revelou que tinha vindo dizer que o pessoal estava mesmo querendo se aproximar da gente, mas que havia uma certa divergência entre os chefes”. O próprio pai do cacique Apoena não queria o contato. O velho foi embora e à tarde chegaram dois guerreiros jo-

vens e pintados que disseram estar Apoena esperando os brancos debaixo de um pé de jatobá, ali por perto. O pai de Apoena estava lá e dizia aos índios Xerentes que estavam com Meirelles: “O que vocês querem no meio dessa gente estranha? Nós sempre vivemos bem, longe deles. Eles vêm com esses presentes, machados, panelas. Vocês não vêem que isso dá para desconfiar? O que é que existe por trás disso?” Meirelles respondeu que não queria as terras deles, que os brancos já tinham muitas. Por fim houve a aceitação e os festejos de confraternização: “Apoena colocou um colar no meu pescoço, que era uma espécie de salvo-conduto nas terras dos Xavantes, e eu prometi respeitar as terras deles”.

Após a pacificação Meirelles diz ter cuidado pessoalmente do problema das terras, por intermédio do senador Filinto Muller, que o apresentou ao governador de Mato Grosso, Arnaldo Figueiredo. O governador enviou logo uma mensagem à Assembléia Legislativa e, em seguida, a terra dos Xavantes foi garantida por decreto. Segundo o sertanista, o governo posterior de Fernando Correia da Costa não respeitou o acordo e iniciou a venda das terras indígenas, o que vem causando problemas até hoje.

GRAÇAS

Relembra Chico Meirelles que quando levou alguns Xavantes para conhecer o presidente Getúlio Vargas no palácio do Catete, no Rio, os silvícolas reagiram das mais variadas e engraçadas formas. Deitavam-se nos tapetes do Palácio e, acreditavam que os brancos preferiram furar as montanhas para fazer tuneis “porque tinham preguiça de subilas”.